

AS DIMENSÕES DO POÉTICO NOS MANUSCRITOS DE DUAS CARTAS DE RONALD DE CARVALHO

Mirhiane Mendes de Abreu¹

Resumo

O objetivo deste ensaio é debater duas cartas remetidas por Ronald de Carvalho. A primeira delas, de 1919, é uma “carta aberta” publicada na *América Latina* e se mostra como réplica às ressalvas de Nestor Vitor ao livro *Poemas e Sonetos*. Já a segunda, de 1926, endereçava-se a Prudente de Moraes Neto, que havia resenhado *Toda a América*. Nesta, o emissor responde às críticas e delinea os diferentes conceitos de poesia, vistos no interior dos possíveis pressupostos para a poesia brasileira.

Palavras-chave: Modernismo. Poesia. Crítica.

Résumé

Cet essai a pour but de discuter deux lettres envoyées par Ronald de Carvalho. La première, datée de 1919, est une "lettre ouverte" publiée dans *América Latina*. C'est une réplique aux reproches de Nestor Vitor à propos de l'ouvrage *Poemas e Sonetos*. La deuxième lettre, datée de 1926, s'adressait à Prudente de Moraes Neto qui avait fait le compte-rendu de *Toda a América*. Dans cette missive, l'expéditeur répond aux critiques et ébauche les différents concepts de poésie, vus de l'intérieur des présumés possibles pour la poésie brésilienne.

Mots-clés: Modernisme. Poésie. Critique.

Palavras Iniciais

É muito comum, ao falar sobre a obra de Ronald de Carvalho, ser indagada pelas razões que me levaram a escolhê-lo como objeto de pesquisa. Em geral, sabe-se que produziu a *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919) e também quem declamou o poema de Manuel Bandeira “Os Sapos”, por ocasião da Semana de Arte Moderna. Mais do que esses dois episódios deixam entrever, porém, o escritor carioca participou ativamente do processo de instauração do movimento

¹ Letras/UNIFESP

modernista, imagem que podemos colher por um breve olhar pela sua trajetória intelectual.

Nascido em 1893, muito jovem, em 1912, Ronald Arthur de Carvalho colou grau de Bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais². Posteriormente, viaja para a Europa a fim de completar os seus estudos, empreendimento executado ao longo de 1913 entre as cidades de Paris e Lisboa. No seu retorno ao Brasil, participa, ainda que à distância, dos primeiros passos do modernismo português através da revista *Orpheu*³. A seguir, desempenhou com bastante êxito a atividade de publicista e conferencista, um gênero muito cultivado nas primeiras décadas do século XX. Em 1914, Ronald ingressa na carreira diplomática, a qual trilhou com excelência, chegando a ocupar o ambicionado posto de Primeiro Secretário da Embaixada Brasileira em Paris e, posteriormente, a responder pelo expediente do Ministério das Relações Exteriores, exercendo, no âmbito desta função, o cargo de Ministro Plenipotenciário do governo Getúlio Vargas, quando falece em 1935⁴. Entre 1914 e 1935, publica *Luz Gloriosa* (1914), *Poemas e Sonetos* (1919) e *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919) – estes últimos simultaneamente premiados pela Academia Brasileira de Letras - e foi eleito *Príncipe dos Prosadores Brasileiros*, em sucessão a Coelho Neto, título a que concorreram, dentre outros 80 candidatos, Monteiro Lobato e Oswald de Andrade.

Essa apresentação do conjunto intelectual de Ronald de Carvalho se acentua se examinadas, ao lado das suas múltiplas tarefas, as configurações das redes sociais ao seu redor, o que deve ter por perspectiva o mapeamento da ambiência sócio-político-cultural daqueles anos⁵. Nesse campo rico e multifacetado, destacam-se o trabalho com periódicos e correspondências entre escritores, expedientes largamente utilizados para divulgar as propostas inovadoras em ascensão. No âmbito dessas reflexões, o estudo acurado da correspondência que cerca o nome deste autor recebe posição estratégica, pois, através dela, é possível conhecer os roteiros das mudanças e das inovações pretendidas e os modos de executá-las.

²A compreensão sobre o papel dos cursos jurídicos na formação da elite política e intelectual do país pode ser vista em: MICELE, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 69. E, ainda: ADORNO, S. *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

³ *Orpheu*. Revista Trimestral de Literatura. Portugal e Brasil, ano I, 1915, nº 1, janeiro-fevereiro-março, 1915.

⁴ BÓTELHO, André Pereira. *O Brasil e os dias*. São Paulo: Edusc, 2005.

⁵ GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

Aspectos constitutivos das cartas de Ronald

Quando se trata de estudar as cartas de Ronald de Carvalho, é importante atentar para a relação destas com os sentidos da sua crítica literária: o *histórico*, que se constituiu numa investigação metódica das obras, expostas numa perspectiva linear e cronológica; o *teórico*, a partir do qual o autor procurou empreender uma sistematização da literatura brasileira; e, finalmente, o *crítico*, uma avaliação das obras (do passado ou suas contemporâneas), percebendo nelas a dimensão nacional e universal, critério que erige como valor de juízo em suas análises. Esses três aspectos encontram-se combinados na percepção autoreflexiva do seu processo criativo. Em comum, as múltiplas vertentes do seu ensaísmo perseguem um projeto, que determina o quanto, na vida cultural do país, inserem-se os mecanismos formadores da nacionalidade, em conformidade com alguns princípios e valores que presidiram a crítica do século XX. Em comum também, essas percepções podem ser identificadas na formulação do seu labor poético. Inserido num conjunto mais amplo do estudo dedicado a Ronald de Carvalho e sua trajetória intelectual, este ensaio pretende se debruçar sobre duas cartas expedidas pelo autor. A proposta de leitura aqui lançada deseja, desse modo, lançar luzes para os conflitos imediatos vividos do contexto sócio-cultural do movimento, o que pode ser considerado pelo estudo de possibilidades de fenômenos genéticos que concorreram durante o momento, fato que as cartas podem aclarar.

Os exemplares de correspondência escolhidos permitem que sejam examinados alguns dos procedimentos aplicados em prol da dinâmica modernizadora que se vivia no país, os quais se imbricavam de modo inalienável aos enunciados argumentativos em favor de certos pressupostos críticos e poéticos. O primeiro deles, de 1919, endereçava-se a Nestor Vitor e o segundo, de 1926, a Prudente de Moraes, neto. Problematizando a censura de Nestor Vitor ao livro *Poemas e sonetos* no tocante à temática do nacionalismo, Ronald responde ao que chamou de “acusações” em carta aberta publicada na revista *América Latina*, com o título “O nacionalismo na arte”. Já na carta a Prudente de Moraes, concernente ao livro *Toda a América*, o missivista delinea os diferentes conceitos de poesia, vistos no interior dos possíveis pressupostos para a poesia brasileira.

Há uma aspecto dessas cartas sobre o qual é preciso chamar atenção, antes de mais nada. Refiro-me à estrutura formal delas e sua forma de publicação. Ronald

torna pública uma dessas cartas, a destinada a Nestor Vítor, especificando os pontos do debate que pretende desenvolver e esclarece desde logo que se trata de “carta aberta”. Ao enunciá-la como manifestação de um gênero e, portanto, pertencente a uma tradição formal, o autor acrescenta um detalhe aos seus argumentos, pois responde às censuras que lhe são dirigidas em consonância com certos critérios formais. Para dizer de outro modo: o autor escolhe um mecanismo de réplica que não é privado (a carta é “aberta”), nem tampouco se compõe como simplesmente artigo, apesar do subtítulo. Desse modo, parece que o recurso escolhido apresenta-se criteriosa e convenientemente para abordar as questões importantes para o escritor, aquelas as quais atribuía importância para responder.

Mesmo sendo aberta, essa carta tange às formulações teóricas do gênero epistolar. Relaciona-se à doutrinação ou à declaração de princípios, aos moldes de um artigo com vistas à polêmica. Sistematizando as cartas expedidas por Ronald, ressalte-se que ambas iniciam-se por uma saudação de um homem polido: no manuscrito, apenas “Senhor Nestor Vítor”, modificada para a publicação com o acréscimo do subtítulo “Do Nacionalismo em Arte”. A segunda, após a data, a saudação “Meu caro Prudente”. Interessa ressaltar algumas implicações desses dois modos de saudar, pois ambos produzem impacto na leitura e estão acomodados às determinações tradicionais da escrita epistolográfica: manifestam um sentimento amistoso em relação ao destinatário, distinguindo a posição de cada um deles na hierarquia da crítica literária em vigor. De acordo com a definição efetuada por Alcir Pécora, em “A arte das cartas jesuíticas”, a carta é um “gênero adequado à conversação amigável”⁶. Guardadas as devidas alterações e proposições de época a época, é possível identificar traços de aproximação na técnica argumentativa empregada por Ronald, notadamente no tratamento da matéria polêmica. Esta pode ser suavizada, quando o destinatário estiver mais predisposto ao aceite dos argumentos a serem arrolados, o que se torna mais eficaz através do formato básico da epistolografia e mais pontual se comparado com uma réplica em artigo. A epístola, ainda, inscreve-se numa modalidade discursiva cujo objetivo implícito é a resposta.

Diferente é o recurso epistolar adotado na carta endereçada a Prudente de Moraes, escrita para leitura privada. Não se trata de uma correspondência entre

⁶ PÉCORA, Alcir. “A arte nas cartas jesuíticas”. In: _____. *Máquina de gênero*. São Paulo: Edusp, 2001.

amigos, nem tampouco, como diria Mário de Andrade, de uma carta “de pijama”⁷. Igualmente como na “carta aberta”, o enunciado sublinha uma reflexão sobre os mecanismos poético-criativos do autor. A opção pela modalidade privada e protegida de outros autores, deve-se a um recurso para impedir que sua obra e sua personalidade sejam veículos de afirmação e projeção do jovem Prudente.

A leitura dessas duas cartas deixa perceber, portanto, que Ronald sustentava um conceito de crítica muito centrado no exame do fato estético e procura alcançar tal especulação, analisando a vinculação entre efeito literário e nacionalidade.

O conceito de poesia nas cartas

Em 1919, Nestor Vitor remete uma carta a Ronald de Carvalho a propósito do livro *Poemas e sonetos*. Inicialmente entusiasta, o crítico exalta o interesse do livro pela “segurança da pena” do autor, que também cultivava pensamento próprio e poder de sugestão, além de ser caracterizado pela tendência clássica⁸. Apesar disso, a censura do missivista apoiava-se numa grande preocupação com o nacionalismo, em sentido divergente da que se manifestou no poeta. Para aquele, o grande defeito residia na influência pelas “coisas da Europa”, que o fez produzir “do romantismo para cá”, a obra mais “flagrante e ingenuamente alienígena”. Apresentando fragmentos de poemas que surpreendiam pelo “estrangeirismo maciço” representado, o crítico cobra do poeta paisagens nacionais. Mesmo com esses defeitos, Ronald de Carvalho seria o maior discípulo brasileiro dos modelos franceses e belgas. A abordagem do nacionalismo frente ao temas e sugestões importados fere certo o coração do problema teórico visado pelo autor, que respondeu ao que chamou de “acusações” na carta aberta já referida e publicada na revista *América Latina*, com o título “O nacionalismo na arte”⁹. Os pontos que mereceram refutação foram:

1) o rótulo de “caráter alienígena” designado ao livro *Poemas e sonetos*, a partir do que discute particularidades na literatura nacional, citando as inspirações e aproveitamentos de motivos importados em diversos autores da tradição brasileira;

⁷ Sobre a epistolografia como recurso para construção do movimento modernista, diz Mário de Andrade, ver: ANDRADE, M. “Amadeu Amaral”. In: *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

⁸ VÍTOR, Nestor. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, s/d.

⁹ CARVALHO, Ronald. “O nacionalismo na arte”. In: *América Latina – Revista de Arte e Pensamento*. Ano I, nº 3 e 4, outubro-novembro de 1919.

2) o problema da paisagem européia em seu livro. Inscreve a sua pintura numa tradição arraigada na literatura;

3) aborda e repele o regionalismo como tema exclusivo para a nacionalidade das letras;

4) define o conceito de arte, citando longamente exemplos de livre produção nos clássicos, desde os gregos até Shakespeare.

Ronald indica, ainda, outros pontos. Por ora, importa assinalar que a exposição dos argumentos converge para a explicação da escrita do seu próprio impulso poético, explanando, nesse âmbito, o nacionalismo e o cosmopolitismo. Se poesia para ele implicava a liberdade no pensamento e no trato das tradições, isto significava dizer que o seu enfoque crítico era igualmente autocrítico e, portanto, essencialmente estético. Convém, por isso, destacar algumas alterações observadas no manuscrito desta missiva em cotejo com sua versão publicada. Primeiramente, há alterações nos procedimentos que buscam a disposição favorável do leitor para o que se há de seguir. Assim, o rascunho se inicia da seguinte maneira:

“O amor à controvérsia é coisa que se não acomoda facilmente o meu espírito” (MS – localizado no acervo pessoal do autor). Esta frase modificou-se assim: “Não vim ao mundo com a vocação para a controvérsia.” Tal sentença conheceu ainda os seguintes acréscimos: “[Infelizmente,/ não vim ao mundo com [uma grande] vocação para a controvérsia.” A seguir, alterações importantes se deixam notar como fórmula para exposição argumentativa: “Prefiro viver esquecido e calado”, o que se alterou para “Prefiro passar calado e esquecido, a viver falando para que um ou outro mais curioso das vaidades humanas possa guardar lembrança minha.”

No plano interpretativo, essas alterações relevam porque demonstram dois importantes recursos efetuados por Ronald. O primeiro é a representação de uma humildade face a um interlocutor específico, Nestor Vítor, que, àquela altura, gozava de imenso prestígio como crítico literário. O segundo traz para o primeiro plano o gênero eleito para a disposição de suas idéias: o epistolar, cuja finalidade inscreve-se na partilha de um plano, um sentimento, isto é, um bem comum. É, portanto, um campo de estreitamento de idéias. Ocorre, porém, uma particularidade neste exemplar em apreço: trata-se de uma carta aberta produzida por um emissor ofendido, que inscreve seu discurso no campo da polêmica e no lugar contrário ao do seu oponente/destinatário. Nesse sentido, a “carta aberta” a Nestor Vítor

potencializa um efeito maior do que o efetuado por intermédio de um artigo e evidencia-se como recurso eficaz para angariar um público mais amplo para a defesa de idéias. A hipótese que venho especulando e que esta carta permite aduzir reside no fato de que Ronald de Carvalho serve-se deste recurso para executar uma ação programada em favor da defesa de uma idéia. E, como se sabe, ações programadas foram empreendimentos modernistas em larga e diversa escala.

Abrirei aqui um parêntese de elucidação histórica para formular mais precisamente o argumento que pretendo expor. No século XIX, muitas polêmicas se deram em forma de cartas veiculadas em jornal, a exemplo de José de Alencar e suas “Cartas sobre *A Confederação dos Tamoios*”. Era uso frequente eleger a carta aberta para se analisar diversos temas. Enquadrando-se nesse mesmo modelo, escritores modernistas divulgaram suas plataformas e Ronald de Carvalho, absorvido por suas inquietações, rebate a Nestor Vítor, fazendo reverberar em seu texto o olhar do crítico como mecanismo norteador de sua própria obra.

Se buscarmos uma precisão conceitual, a polêmica é definida no *Dictionnaire des Litteratures* como uma crítica que se aplica a um discurso antagonista¹⁰. Trata-se de uma batalha, cuja arma principal é a expressão verbal, levando-se ainda em consideração o sentido oferecido por Catherine Orecchioni, em “La polemique et ses définitions”¹¹. Certas particularidades da polêmica podem ser entrevistas no gênero epistolar, notadamente na sua modalidade “aberta”. Ambas têm por finalidade uma resposta, ou “réplicas” e “tréplicas”. Veiculadas em periódicos, ambas impõem sua matéria na palavra escrita e não há nenhum outro elemento para realçar ou atenuar as idéias. Em comum, o pensamento se concretiza na escolha e combinação das palavras a fim de postular os preceitos em debate.

Ao escolher a “carta aberta” como meio de resposta, Ronald trata seu assunto – a poesia e a nacionalidade – através de um recurso para granjear adeptos para a visão de arte brasileira que defendia. Esse recurso é bastante condizente com a personalidade do jovem intelectual que se apresentava de modo promissor e, ainda, capaz de construir seu processo argumentativo na escrita e num modelo que duplamente clama pela resposta do destinatário. Nesse contexto, a escolha pela modalidade epistolar para exposição de suas idéias aproxima-se de uma das

¹⁰ DIDIER, Beatrice. *Dictionnaire des Litteratures*. Paris: Press Universitaires de France, 1994, p. 2919.

¹¹ ORECCHIONI, Catherine Kerbrat. “La polemique et ses definitions”. In: _____ & GELAS, Nadine (edit.). *Le discours polemique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980.

finalidades da polêmica, ou seja, uma ação programada, com escolha específica de códigos retóricos, conforme os manuscritos podem demonstrar. A leitura que se pode apreender por este exemplar incide sobre o olhar crítico que Ronald formula sobre sua atividade criadora; olhar este empreendido pelo gênero epistolar eleito no interior do discurso da polêmica. O missivista polemista, assim, assume seus pressupostos segundo os códigos convenientes ao intelectual refinado que era.

Defendendo com acuidade seus princípios, Ronald arrola seus conceitos sobre a poesia nacional. É com base neste mesmo raciocínio que, anos depois, responde a Prudente de Moraes, neto, a respeito de uma resenha do destinatário feita ao livro *Toda a América*. Esta resenha, pautando-se pelos comentários opinativos, contribuiu para ampliar os pontos nevrálgicos do movimento, pois demolia, sem rodeios, a obra do poeta carioca. As adesões a uma ou outra opinião abordavam as divergências entre os sentidos de nacionalidade e cosmopolitismo, tendo em vista as propostas que os grupos idealizavam. Acrescente-se também que a polêmica evidencia as dimensões processuais delineadoras das diferentes visões e linhas de força que cooperaram com a construção do modernismo brasileiro. Essa questão adquire outro enfoque se refletida à luz do papel do intelectual nesse trabalho inovador da arte e da cultura, pois, parece-me, é por esse prisma que a figura de Ronald de Carvalho deve ser enfrentada. São precisamente as correlações do autor da *Pequena História da Literatura Brasileira* que nos permitem compreender as possibilidades e os limites do intelectual no processo da modernização então em pauta, porque qualificada pela responsabilidade social do exercício desse papel.

No tocante ao seu poema, contudo, Ronald aceita e prolonga o debate, respondendo ao seu crítico, desta vez, como já disse, de forma privada. Atendendo ao emprego de fórmula social, o recurso de que lança mão dispensa procedimentos de modéstia, embora confirme a sua polidez. Após a data, 15 de maio de 26 e a saudação “Meu caro Prudente”, o missivista assim se apresenta:

“Você desculpará estes meus agradecimentos demorados. Nem por serem demorados são menos sinceros e francos. Gostei do seu artigo como se gosta de uma coisa muito inteligente, com o que não concorda sempre, como se gosta de um cálculo bem imaginado, pelo prazer de puro *sport* dialético. Para entrar no assunto, eu discordo da conclusão, ou pelo menos de algumas

conclusões secundárias do seu cálculo, mas admiro realmente a destreza de sua maneira de calcular. Eis aí.”¹²

O que cabe examinar nesta parte inicial é o elogio como princípio para exposição das idéias e como mecanismo para iniciar o discurso controverso que se segue. Essa disposição será desfeita no parágrafo seguinte, quando o missivista diz: “Não sei o que você chama de poesia. Não me interessa, aliás, saber o que você chama poesia.” E acrescenta: “Para mim, você, frequentemente, confunde elementos que entram na poesia, com a substância íntima da poesia.” Nesta carta, o compromisso do autor com a tarefa poética configura-se pela obstinação em retirar o país do quadro mental estreitamente atado ao nacionalismo, oferecendo a este horizonte maior amplitude. Não por acaso, a matéria poética operada traz a idéia de uma construção particular alçada à natureza global do continente, apreendido num percurso cujo itinerário sublinha o aspecto lírico do mapa. Nessa direção, o missivista diferencia o espírito americano do europeu, entendendo aquele como “impulso” ou “uma aspiração”.

Outra refutação arrolada aborda incisivamente o conceito de Brasil e de brasileiro. Negando a existência de um “dogma político”, ele cita o poema “Brasil”, parte do livro em pauta, e afirma, em concordância com o ideário do poema, que o homem forte seria o “homem de amanhã”. Nesta forma, funde-se a imagem do otimismo expansionista do momento, fazendo com que a multiplicidade seja o instrumento unificador da nação. A consciência artesanal dos traçados do seu verso, associada às ambições do diplomata, demonstra a importância de uma leitura que coloque lado a lado os diversos gêneros cultivados pelo autor: ensaios, conferências, cartas e poemas. A convergência do projeto poético com o político pode ser entrevisto pela conclusão desta carta:

“Eu prefiro jogar do lado forte. Errado ou não, eu estou com o Brasil que me impõem certas fatalidades de toda a substância moral e intelectual que o representa. Você, ao contrário, reserva para as suas preferências alguns elementos isolados, e defende-os com todo o ardor. Eu gosto de somar. Você gosta de dividir.”¹³

¹² CARVALHO, R. “Carta de Ronald de Carvalho a Prudente de Moraes, neto”. In: KOIFMAN, Georgina (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹³ KOIFMANN, G. op.cit.

Considerações Finais

Para encerrar esse esboço de leitura de dois exemplares das cartas de Ronald a partir das exigências do gênero epistolar, seja na sua modalidade aberta, seja na privada, podemos suscitar uma conclusão inferindo que existe nelas profícua reflexão sobre o ato de fazer poesia; reflexão esta muito bem associada às formulações críticas do autor. Acompanhando um dispositivo próprio das reflexões sobre a literatura brasileira, segundo o qual a temática nacional/universal é a dominante, tais exemplares epistolográficos mostram-se como foi delicada e controversa a construção do debate modernista.